

Doces do Sertão e Desenvolvimento Social: A COOPERCUC Agregando Valores ao Semiárido¹

Neucimeire SOUZA²
Bruno Emanuel dos Santos ROSA³
Ilanna dos Santos BARBOSA⁴
Patrícia BARBOSA⁵
Anaelson Leandro de SOUSA⁶
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A reportagem é um gênero da linguagem radiofônica que permite uma abordagem ampla e interpretativa de temas atuais, possibilita maior interação com as fontes e mobiliza maior número de profissionais da pré-produção à edição final. A reportagem apresentada mostra como a Cooperativa Agropecuária de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC) vêm crescendo e hoje é reconhecida em outras regiões do país e também em alguns países da Europa. O produto realizado por estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro/BA, mostra a experiência de uma cooperativa do sertão da Bahia, sua história, valor social e a produção de doces a partir de frutas típicas da caatinga.

PALAVRAS-CHAVE: Bahia; Cooperativismo; Radiojornalismo; Reportagem;

INTRODUÇÃO

As primeiras notícias divulgadas no rádio eram leituras integrais de matérias veiculadas nos jornais impressos - forma de radiojornalismo que ficou conhecido como gilete press. O jornalismo radiofônico com o tempo buscou uma linguagem própria e que fosse compreendida por um grande grupo de pessoas. O modelo informativo de rádio adotado pelo

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 09 - Reportagem em Radiojornalismo.

² Líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA email: neucimeire@gmail.com

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: bruno_emanuel@hotmail.com

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: ylanna96santos@gmail.com

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: patricia.sbarbosa1@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA email: anlsouza@uneb.br

Brasil foi importado de outros países da América Latina e dos Estados Unidos, e o início desse intercâmbio foi o programa Repórter Esso, que foi ao ar em 1941. Salomão afirma que esse programa foi o marco do radiojornalismo brasileiro por criar “a cultura da notícia de última hora” (2003 p 79-80).

Anos mais tarde, o rádio brasileiro encontrou na reportagem uma forma de sustentação e permanência enquanto meio de comunicação. A possibilidade de realizar um radiojornalismo ao vivo e no mesmo instante de sua enunciação, ou seja, narrado durante o acontecimento, começou a existir a partir da década de 1950, com as primeiras transmissões externas da Rádio Continental, em Niterói, Rio de Janeiro. Ortriwano relata que, no final dessa década, a Continental marcou o início de profundas transformações nos jornais falados quando, Carlos Palut comandou a primeira equipe do rádio brasileiro especializada em reportagem externa (2003, p. 79).

Para Bepalhok (2006) - pesquisadora da Rádio Continental – é preciso, talvez, buscar a ousadia e experimentação de outros “Paluts”, que ousem pensar num tipo de jornalismo que ainda não temos. “Se aliarmos a prática da Continental com o montante de conhecimento sobre o veículo processado até a atualidade, poderemos pensar e repensar o radiojornalismo que temos” (p.175).

Na década de 1950, quando a televisão foi inaugurada no Brasil, muitos previram que o rádio seria extinto – previsões que não se confirmaram. O rádio hoje se tornou mais popular, empolgante e diversificado. Prado (1989, p 18) explica que um dos motivos pelo qual o rádio ganhou importância foi o fato de poder informar instantaneamente a um público muito diversificado e por não exigir do ouvinte um conhecimento especializado para decifrar o seu código.

Prado considera a reportagem radiofônica como o elemento mais “rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa” (1989, p. 85). As reportagens veiculadas pelo rádio podem ser gravadas com prévia produção ou podem ser irradiadas de improviso, dependendo da gravidade do acontecimento. O fato de conciliar palavra, efeitos sonoros, silêncio e música, transforma a reportagem em um dos gêneros mais completos e de complexo manejo de edição, no caso de ser diferido, ou seja, gravado com antecedência: “O jornalista deve

selecionar todas as mostras sonoras da ação capazes de transportar informação, reduzindo assim sua intervenção ao mínimo imprescindível” (Prado, 1989, p. 88).

No entanto, a reportagem não é pura e simplesmente a ampliação da notícia. Medina entende que a diferença está no tratamento que se dá ao fato jornalístico no tempo da ação e no processo de narrar. “A matéria que amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofunda o fato no espaço e no tempo e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem seria então uma narração noticiosa” (1978, p. 134).

Para Jung (2004) é na reportagem que o jornalismo se diferencia, “levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte (p. 114). Não é dar voz, mas é submeter o público a construir conceitos a partir do rádio, para defender opiniões e formas de opiniões. Para Salomão (2003) o rádio surge com a proposta de interação sendo um veículo comunicacional que se destaca por ser recíproco entre jornalistas e o seu público, esse vínculo cria a fidelidade dos ouvintes a determinado programa ou radialista (p.26).

Os conceitos apresentados acima orientaram a produção de nosso produto radiofônico. A ideia foi utilizar as técnicas jornalísticas em rádio para o seguinte trabalho de campo: produzir uma reportagem que documentasse a vida de um determinado grupo social. O trabalho a ser exposto a seguir em forma de reportagem radiofônica conta a história, o trabalho e a mudança na vida dos cooperados da COOPERCUC, na região norte da Bahia. Além de dar espaço a um tema pouco explorado, a reportagem mostra que o cooperativismo é um modelo econômico que pode dar certo e ser bem sucedido. O material foi produzido durante o segundo semestre letivo de 2014, no componente curricular Radiojornalismo I, do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB - Campus III, Juazeiro/BA.

OBJETIVO

O primeiro intuito, que culminou na produção da Reportagem “Doce do sertão e desenvolvimento social: a COOPERCUC agregando valores ao Semiárido” foi cumprir a unidade avaliativa em Radiojornalismo I, que integra o currículo obrigatório do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios. Dessa forma, procuramos levar aos ouvintes uma desconstrução da imagem estereotipada do nordeste brasileiro, que muitas vezes é tido como seco e

improdutivo e optou-se por trabalhar um tema que focalizasse as potencialidades que tem a região semiárida.

Sabendo que a Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC) é um grande exemplo de convivência com o Semiárido, por meio da sua produção orgânica que, garante não só o respeito à natureza de onde são retiradas as matérias primas para a produção de doces, como também proporciona desenvolvimento social aos membros envolvidos, resolvemos utilizá-la como tema da nossa reportagem.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar, em forma de reportagem, como a experiência da COOPERCUC, na região norte da Bahia, vem deixando rastros de um Semiárido capaz de produzir para o mercado nacional e internacional, bem como, vem deixando marcas positivas na vida das pessoas que, como a cooperativa, desenvolvem um jeito exitoso de morar no sertão.

JUSTIFICATIVA

A COOPERCUC encontrou nas frutas nativas da caatinga (umbu e maracujá do mato), a base para uma produção de doces, geleias, compotas e polpas que são comercializadas nas regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste, mas também em países como a Espanha, Áustria, França e Alemanha.

A produção dos cooperativados alcança cerca de 200 toneladas de doces por ano e passa pelas mãos de agricultores familiares oriundos de comunidades rurais dos municípios de Canudos, Uauá e Curaçá, no norte da Bahia. Através da constante capacitação eles aprendem a manejar adequadamente a retirada dos frutos e a produzir com qualidade os doces, participando assim, ativamente de todo o processo produtivo da cooperativa. Cerca de 450 famílias são atingidas com o serviço prestado à COOPERCUC.

Desse modo, a relevância social da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá – COOPERCUC, foi o motivo que nos fez produzir uma reportagem abordando tal tema. Dar visibilidade a uma iniciativa tão relevante e levantar a discussão sobre as possibilidades do Semiárido é de grande pertinência para a produção jornalística e para a construção da imagem de uma região rica e valorizada.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No componente curricular Radiojornalismo I, o professor sugeriu uma atividade prática a partir dos elementos conceituais sobre a linguagem verbo-voco-sonoplástica do rádio. No trabalho, deveriam constar as etapas: pré-produção, produção e pós-produção. No processo de edição deveríamos manipular a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio.

Os alunos foram divididos em grupos com quatro membros para que cada um fizesse um produto com escolha livre do tema. Nosso grupo, na fase de pré-produção, realizou uma reunião de pauta para escolher o tema da reportagem. Após a escolha da temática, foram divididas as tarefas para cada integrante, entretanto a participação de todos foi efetiva desde a pauta até a finalização do produto.

Duas pessoas ficaram responsáveis por conhecer e manter contato com a cooperativa na cidade de Uauá. Após saírem de Juazeiro/BA e percorrerem aproximadamente 127 quilômetros, os repórteres designados chegaram a fábrica-sede da COOPERCUC e lá realizaram as entrevistas e colheram informações sobre a história, funcionamento e os produtos comercializados pela fábrica. A visita aos principais setores do empreendimento foi acompanhada por responsáveis pela cooperativa.

Vencida essa etapa, e retornando com as gravações brutas das entrevistas, outras duas pessoas que ficaram com a parte de produção do script final. Todavia, é importante destacar que essa divisão não foi assim tão restrita, todos os integrantes do grupo fizeram de tudo um pouco em se tratando dos textos e da organização das informações a serem reportadas, assim como de todo o processo de gravação e edição da nossa reportagem.

Sob a orientação do professor, os textos foram analisados e corrigidos para que realmente obedecessem às técnicas da escrita radiofônica que deve ser concisa, simples e compreendida facilmente por todos os ouvintes. Na apresentação e encerramento da reportagem foi discutida também a trilha que faria parte como o BG (*Background*) da mesma, ou seja, a música que traz uma identidade sonora à reportagem.

A partir daí, com todos os encaminhamentos como script e sonoras selecionadas, o grupo passou para a fase de gravação e edição, com a supervisão do professor e técnicas de som no laboratório de rádio da universidade. Foi nessa fase que nosso produto ganhou a versão final. Também foi produzida uma versão estendida em forma de documentário, com a duração de 15 minutos. No entanto, a versão reportagem especial, que apresentamos no Expocom 2015 ficou com menos de 6 minutos.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com uma duração de cinco minutos e cinquenta e um segundos, a reportagem foi gravada e editada no estúdio do laboratório de rádio da UNEB, em Juazeiro/BA. Bastou uma sessão de gravação para ficar pronta. A edição não linear foi realizada através do software de edição de som “Sound Forge”. A trilha sonora utilizada como BG foi “Seu Luiz”, do cantor Cláudio Barris, da cidade de Uauá - o fato de o artista ser da terra foi preponderante para a escolha da trilha. A reportagem foi dividida em temáticas que abordam aspectos do tema geral de maneira organizada facilitando o entendimento do ouvinte e a dinamizando a maneira de contarmos a história.

O primeiro subtema se refere à origem da cooperativa, quem foram os primeiros articuladores da mesma, como se dá seu funcionamento, como as comunidades envolvidas participam do processo e um pouco da proporção que ela possui hoje, importando para outras regiões do país e exportando para países da Europa.

O segundo traz a preocupação da COOPERCUC com a questão ambiental. Mostra como a cooperativa agropecuária trata da preservação da caatinga através do cuidado com as áreas que utiliza para extração da matéria prima e a formação que dá aos seus cooperados acerca desse cuidado com a natureza que por eles deve ser tomado.

O terceiro subtema retrata a história de um dos cooperados que, a partir do trabalho na cooperativa, mudou completamente os rumos da sua vida. Essa parte mostra a importância da COOPERCUC na vida de seus cooperados, que vai muito além da melhora do aspecto financeiro que a mesma proporciona.

A reportagem conta a história de um povo que transformou sua realidade aprendendo a conviver e a respeitar as características do seu lugar. A Cooperativa Agropecuária de Canudos, Uauá e Curaçá desmistifica o nordeste como sendo apenas da seca que o castiga e da plantação que nunca “dá”. Reportada desse modo, essa história ajuda na construção de uma nova percepção do nosso sertão e na mobilização para uma educação voltada para a convivência com o Semiárido. É o rádio a serviço de uma visão melhor de nosso contexto, e conseqüentemente do nosso nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse produto permitiu que pudéssemos vivenciar a rotina do profissional jornalista, desde à entrevista com as fontes à gravação no estúdio de rádio e os demais processos próprios da construção de uma matéria em radiojornalismo. Quando estudamos o lado subjetivo do rádio e suas técnicas, o que torna a aventura de ir à campo diferenciada, é a possibilidade de aliar a teoria à prática.

A reportagem “Doces do sertão e desenvolvimento Social: a COOPERCUC agregando valores ao semiárido” proporcionou ainda uma experiência importante para nossa prática no jornalismo. Enfrentamos alguns desafios próprios da profissão, como o deslocamento, a dificuldade na realização das entrevistas e com a inflexão da voz durante a gravação da reportagem. Entretanto, esses acontecimentos nos fizeram mais preparados para trabalhos futuros no jornalismo de rádio.

Sem dúvida, conseguimos descobrir na COOPERCUC informações a mais daquelas que já sabíamos e, dessa forma, ampliar nosso conhecimento sobre as potencialidades da caatinga e a força que tem grupos sociais organizados. Informações como essas, sobretudo, pela sua considerada relevância para o nordeste e para o Brasil, não devem ficar aquém nos meios de comunicação. Precisam estar em pauta para que mostrem uma realidade de mudança, superação e conquistas que vêm sendo construídas pelo povo do sertão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

ORTRIWANO, Gisela S. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. Revista USP, São Paulo, v. 56, p.66-85, 2003.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SALOMÃO, M. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**; São Paulo: Annablume. 2003.